
Hiperstição e geotrauma em *Cyclonopedia. Complicity with anonymous materials*, de Reza Negarestani¹

Fabício SILVEIRA²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre / RS

Resumo

Cyclonopedia. Complicity with anonymous materials, do filósofo iraniano Reza Negarestani (2008), é um livro de filosofia escrito como se fosse uma novela de horror. O tema – bem como o personagem principal, poderíamos dizer – é o petróleo. Num primeiro plano, explora uma trama policial. Noutros planos, há discussões paleontológicas e cosmológicas, há satanismo e história do Oriente Médio, há questões midiáticas e comunicacionais. Problematizamos aqui 1) sua caracterização enquanto peça *hiperstiçional*, e, além dela, 2) sua abordagem do Antropoceno como precipitação de eventos geotraumáticos. São dois debates epistemológicos centrais no tocante ao campo da Comunicação.

Palavras-chave

Realismo especulativo; hiperstição, geotrauma.

1 Introdução

Desde que foi lançado, em Melbourne, em 2008, *Cyclonopedia. Complicity with anonymous materials*, escrito pelo filósofo iraniano Reza Negarestani, vem acumulando reconhecimento e suscitando controvérsias. O livro se tornou, em pouco mais de uma década, um texto de referência, quicá um clássico do chamado realismo especulativo, ao lado de *Tool-Being* e *Guerrilla Metaphysics*, de Graham Harman (2002; 2005), e *After Finitude*, de Quentin Meillassoux (2009)³. Em 2009, a revista *ArtForum* o incluiu numa lista de melhores do ano. Em 2011, nas dependências da New School of New York,

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Formado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela UFSM. Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS). Doutor em Ciências da Comunicação (Unisinos, RS). Pós-Doutor pela School of Arts and Media (Salford University, UK). Atualmente, realiza estágio pós-doutoral – bolsa PNPd Capes – junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS. Email: fabriciosilveira@terra.com.br.

³ Dois importantes periódicos brasileiros dedicaram edições inteiras ao realismo especulativo: as revistas *Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas* (n. 12, julho-dezembro de 2015), editada junto à PUCSP, e *ECO-Pós* (v. 21, n. 2, 2018), editada junto à UFRJ. Curiosamente, o nome de Reza Negarestani sequer é citado nessas publicações. De todo modo, convém lembrar: essa vertente filosófica concebe o mundo e a relação entre os objetos do mundo sem que tudo aconteça para a racionalidade e para a mente humanas. Trata-se de questionar o privilégio ontológico concedido ao homem sobre os outros seres vivos, animados e inanimados. Parte-se da ideia de que a filosofia foi aprisionada num *círculo correlacionista*, isto é, de que o conhecimento só seria possível na correlação entre mente e mundo (SILVEIRA, 2020). Almeja-se formular, a partir daí, novas ontologias e novas racionalidades não-antropocêntricas e não-hermenêuticas (HARMAN, 2015). Meillassoux e Harman foram mencionados em destaque por um único motivo: em função deles, podemos rastrear duas orientações internas distintas, duas forças dominantes – respectivamente, o materialismo especulativo e a filosofia orientada a objetos. Negarestani ocuparia uma outra via, ligada a um grupo de filósofos aceleracionistas reunido na Universidade de Warwick (UK), na metade da década de 1990, e composto, dentre outros, por Nick Land, Sadie Plant, Kodwo Eshun e Mark Fisher.

realizou-se o primeiro *Leper Creativity. Cyclonopedia Symposium*, dedicado ao balanço de seus desdobramentos e sua fortuna crítica. Na metade de 2016, quando foi traduzido na Espanha, por iniciativa da Materia Oscura Ediciones, chegou a ser saudado como um dos precursores da discussão sobre pós-verdade, o grande assunto midiático do período – vale lembrar que a expressão “pós-verdade” foi eleita a palavra daquele ano pelo Dicionário Oxford. Entusiasmo e excitação, como vemos, não faltaram em torno do livro. Um verdadeiro feito.

Cyclonopedia, como o próprio título sugere, possui um caráter enciclopédico, dado o fôlego que exige do leitor, impondo-o sua prosa árida e as extensas divagações filosóficas que traz, em suas duzentas e cinquenta páginas, na edição original, e dada a quantidade de tópicos que combina, tais como arqueologia e demonologia antiga, matemáticas arcaicas e história da Pérsia, teologia islâmica e Guerra ao Terror, sempre girando em torno do tema do petróleo, sempre retornando a ele.

Outro aspecto relevante – e isso justifica, em larga medida, o burburinho produzido em torno da publicação – é sua moldura ficcional, o fato de que constrói para si uma roupagem de ficção, dentro da qual se define e se desenrola. No capítulo introdutório, por exemplo, acompanhamos, num discurso em primeira pessoa, o depoimento de Kristen Alvanson, uma artista plástica norte-americana que viaja a Istambul para se encontrar com um amigo que conhecera numa rede social.

Por motivos que não nos são apresentados, o encontro não ocorre e Alvanson gasta parte de seus dias, ao longo de uma semana, entre passeios erráticos pela cidade e interrogações a respeito de um manuscrito que havia encontrado no quarto de hotel em que se hospedara. *Cyclonopedia* é esse manuscrito; Negarestani é seu autor e é também, a partir de certo ponto (ou, em parte), seu personagem e seu narrador.

Ou seja: é a história de um *found footage*, a história de um livro dentro de um livro – e tanto um como o outro, no caso, são dispositivos ficcionais ou estratégias narratológicas bastante comuns no universo da criação literária e do roteiro para produções televisuais e cinematográficas. Se fôssemos recorrer a referências genéricas mais precisas, num esforço de síntese explicativa, diríamos se tratar de um compêndio filosófico sob a explícita influência da prosa de Howard Phillips Lovecraft (1890-1937) e do cinema de Elias Merhige, em especial, o filme *Begotten* (EUA, 1990).

E Negarestani, sem constrangimentos, sem angústia nenhuma, assume suas referências. É importante reparar como descreve o filme de Merhige, primeiro, para evidenciar o compartilhamento de um *estado de espírito*, que é também um tema de fundo e uma declarada orientação à metafísica; e, segundo, para dar concretude ao reconhecimento

corrente de que se trata de uma narrativa, em termos de estilo, linguagem e ambientação dramática, semelhante à do escritor norte-americano H. P. Lovecraft⁴.

Em *Begotten* – diz o filósofo iraniano –, Deus escolhe ser um cadáver para, assim, ser um protagonista. Abre-se em dois com uma navalha de barbeiro, separando suas entranhas negras de suas entranhas brancas; ao fazê-lo, Deus sofre espasmos, se retorce, se enrosca, experimenta convulsões enquanto suas vísceras se derramam sobre o mundo. Com a violação de sua própria carne, pela primeira vez, Deus entra em cena no teatro da matéria negra, onde a química dos deuses é mais forte do que em qualquer outro lugar: ‘o mundo tem sua origem na putrefação’ (Menocchio). Deus escolhe ser um cadáver para ser um protagonista. A introspecção de Deus coincide com o flagelo de seu corpo e o nascimento do universo a partir de seu corpo. Depois que Deus foi exposto como um cadáver, uma mulher mascarada surge das sombras, inseminando-se a si mesma com o sêmen agitado do cadáver divino e dá à luz a um Deus Morto Mutante, uma criatura anã vagamente moldada sobre um corpo humanóide (NEGARESTANI, 2008, p. 205 – todas as traduções são nossas).

Além de amuletos, deuses e entidades demoníacas, *Cyclonopedia* nos apresenta também Dr. Hamid Parsani – organiza-se, no tocante à estrutura do relato, em função desse personagem: um acadêmico da Universidade de Teerã, especialista em estudos (o)culturais, um agente “petropolítico”, misteriosamente desaparecido. Em torno dele se constrói – à superfície, na maior parte do tempo – uma trama de natureza policial. Em paralelo, distribuem-se os outros motivos.

Por ora, ficam apresentadas essas breves caracterizações gerais. No entanto, dando continuidade e ampliando uma leitura iniciada num trabalho anterior (SILVEIRA, 2020)⁵, gostaríamos de focar, a partir daqui, duas dimensões desse curioso experimento literário-filosófico. São dimensões que contribuem para que possamos compreender um pouco melhor as razões de sua inegável estranheza e de seu sucesso num nicho universitário muito delimitado. Destacam-se assim, concomitantemente, dois núcleos de problematização epistemológica, dos quais, como julgamos, uma ciência da Comunicação não se pode furtar.

Cyclonopedia estaria viabilizando, não apenas num plano conceitual e especulativo – no interior de um saber circunvizinho –, uma racionalidade (ou os substratos de uma

⁴ George Bataille (1897-1962) e Joseph Conrad (1857-1924) são outras referências que nos auxiliam a reconhecer o estilo literário empregado em *Cyclonopedia*. A relação com Lovecraft, em mais detalhes, é tratada por Anthony Sciscione em “Symptomatic horror: Lovecraft’s ‘The color out of space’” (in KELLER *et al*, 2012, p. 131-146). Graham Harman (2020) explorou o tema numa outra publicação.

⁵ *Cyclonopedia* já foi abordado, dentro de um contexto argumentativo completamente distinto, num dos capítulos do livro *Mecanosfera / Monoambiente*, lançado em agosto de 2020, pela editora Zouk, de Porto Alegre, como um dos resultados parciais das atividades de pós-doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRGS, sob a supervisão da profa. Dra. Nisia Martins do Rosário (SILVEIRA, 2020).

epistême) cujas testagens auxiliariam nos processos de maturação, adensamento e reconhecimento inter-pares, ou entre disciplinas, de uma ciência comunicacional. Essa é a posição que tentaremos sustentar.

2 Hiperstição

Cyclonopedia excede aquilo que as disciplinas científicas e os gêneros literários mais cristalizados costumam definir. China Mièville (2010) e Peter Lamborn Wilson (2009), em suas respectivas resenhas, entenderam-no como uma novela de ficção. Para outros, é um típico exemplar de “teoria-ficção” (*theory fiction*). *Xenowriting* – algo como “xeno-escritura” ou “escritas da outridade, do estrangeirismo” – e *hidden writings* – “escrituras ocultas”, numa tradução direta – também foram designações utilizadas para classificá-lo ou, ao menos, para indicar um suposto gênero ao qual o texto estaria filiado. Mackenzie Wark chegou a falar numa “heresia teológica”, numa “inumana ficção de forças” (WARK *in* KELLER *et al*, 2012, p. 39-43). Para Benjamin Bratton (*in* KELLER *et al*, 2012, p. 45-57), trata-se de um romance teórico, “*a theoretical novel*” – mas, antes disso, e acima de tudo, trata-se de um “texto metafísico”. Melanie Doherty, por sua vez, se referiu à confecção de uma “*noise fiction*”:

uma forma de textualidade projetada não para representar o mundo, mas para agir de maneira viral no mundo, para circular, produzindo efeitos, misturando simultaneamente os códigos, interrompendo as expectativas e lançando o leitor para fora [...], para reunir ainda mais experiências, abrindo espaços onde novas formas e novas práticas de crítica podem prosperar (DOHERTY *in* KELLER *et al*, 2012, p. 127).

É importante reter aqui, por enquanto, o modelo de uma textualidade aberta, vocacionada à viralização e à promoção de efeitos de ruptura (efeitos de estranhamento e implosão de sistemas representacionais, repulsa e embaralhamento de códigos). Mais produtivo, contudo, do que dizer **o que** *Cyclonopedia* é – como, aliás, pontua Kate Marshall (*in* KELLER *et al*, 2012, p. 147-158), com total acerto –, é dizer **como** *Cyclonopedia* é, como engendra ou através de quais mecanismos engendra sua peculiar ficcionalidade.

É tentando dar conta desse *coeficiente de ficção*, procurando circunscrevê-lo enquanto finíssima dinâmica epistêmica, que alguns autores (GUNKELL, HAMEED e O’SULLIVAN, 2017; O’SULLIVAN, 2017; SHAW e REEVES-EVISON, 2018) têm recorrido – atizados, em parte, pelo bem-sucedido projeto de Negarestani – ao conceito de “hiperstição”.

Esse conceito, além de sua potência explicativa local – por hipótese, seria um instrumento mais adequado para compreendermos a natureza complexa de *Cyclonopedia* –, seria igualmente potente no esclarecimento de lógicas e processos muito recorrentes, próprios de uma sociedade convulsiva, multiconectada e hipermediatizada, no contexto vigente do capitalismo tardio.

De certa forma, as preocupações de toda ordem – jurídica, política, pedagógica, civilizacional, ... – com a propagação de *fake news* e a menção já feita à noção de pós-verdade (SANTAELLA, 2018) evidenciam, de maneira bastante tangível, o conjunto e a gravidade dos fenômenos que o conceito recobre ou pode recobrir. Dar-lhe atenção, por conseguinte, é refinar instrumentos analíticos. É preparar-se para quebra-cabeças e problemas maiores.

Uma hiperstição, aliás, como afirmamos num outro lugar,

é uma ideia performativa, uma profecia auto-realizada. A expressão combina, primeiro, o prefixo “hiper”, indicativo de excesso e abundância – equivalente a “super”, como é empregado na obsessão escapista e infantil que nutrimos em relação aos super-heróis –; segundo, o termo “superstição”, algo da ordem da credice, da irracionalidade e da imaginação sem freios; e, terceiro, “hype”, abreviação da palavra inglesa “hyperbole”, que é ressignificada a partir do marketing, do universo da moda, da tecnologia e da moderna cultura pop, com o intuito de referir aquilo que é tendência, é muito concorrido e desejado (SILVEIRA, 2020).

Há forte consenso, no interior da bibliografia aqui consultada, de que o conceito teria sido proposto na segunda metade da década de 1990 – mais exatamente, entre 1995 e 1997 – pelo filósofo britânico Nick Land, um dos líderes e fundadores do *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU), grupo então lotado junto à Universidade de Warwick (UK).

Um sinal de alerta, no entanto, deve soar sempre que Land e o CCRU forem mencionados. Não há, por parte da instituição inglesa, um reconhecimento formal de que esse agrupamento de professores e alunos de pós-graduação tenha existido. Não, ao menos, sob essa rubrica, vinculando-se ao departamento de Filosofia ou a qualquer outro departamento. Simon Reynolds (1999), Mark Fisher (2013) e Robin Mackay (2019) dão testemunho disso⁶.

Caso tenha existido – afinal de contas, Land, Sadie Plant, Mark Fisher e seus companheiros estiveram ali no exercício de suas funções docentes e discentes –, durou,

⁶ O jornalista e crítico musical Simon Reynolds vai mais longe: entrevista participantes, colegas e detratores do CCRU, produzindo uma extensa reportagem por ocasião dos três primeiros anos de atuação do grupo. Descreve inclusive as instalações onde as reuniões teriam ocorrido entre março de 1995 e outubro de 1997 (REYNOLDS, 1999).

efetivamente, muito pouco, menos do que meia década, tendo se tornado, logo em seguida, uma entidade ainda mais informalizada, nômade, sem endereço fixo, até reaparecer em Shanghai, na China, por volta de 2004, realocada e refundada exclusivamente por Land, agora no desempenho de outra atividade profissional correlata.

A biografia de Land, por sinal, é algo que costuma vir à tona quando se trata de avaliar sua produção, suas intervenções e suas *ficções filosóficas*⁷. Não poderemos apreender contextualmente a experiência hipersticional de Negarestani, validar suas escolhas e suas intenções epistemológicas, sem posicioná-las em relação a Land, sua *persona* e sua obra controvertidas.

Inspirando-se largamente em Gilles Deleuze e Félix Guattari – diz-se que *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia* era sua obsessão fundamental, que gostaria de arrancá-la da “matriz política, francesa e sessentaotista” que a prejudicava (MACKAY, 2019, p. 15) –, Land empregou táticas composicionais tomadas à ficção, pela primeira vez, no artigo “Barker speaks”, que veio a público em 1999, na revista *Abstract Culture* (LAND, 2011). Tratava-se de uma entrevista simulada com Daniel Charles Barker, um criptólogo, especialista em semióticas anorgânicas, ligado ao Kingsport College (MVU, Mass.).

Esse procedimento, na prática, foi transportado do capítulo “10.000 a.C. – A Geologia da Moral (Quem a Terra pensa que é?)”, do primeiro volume do livro acima citado de Deleuze e Guattari ([1980] 1995). Nesse capítulo, os dois filósofos franceses

resgatam um personagem – o irascível professor Challenger, um zoólogo e paleontólogo – de *O Mundo Perdido* (DOYLE, [1912] 2018), clássico do escritor inglês Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930).

George Edward Challenger deixa de ser um ente fictício nas mãos de Deleuze e Guattari: é revivido e ambientado em plena discussão filosófica, adquire uma função retórico-expressiva, digamos, torna-se um interlocutor “real”, o agente efetivo de um intrincado colóquio sobre forças molares e moleculares, regimes de signos e fenômenos de estratificação do sentido (SILVEIRA, 2020).

O que podemos depreender daí? G. E. Challenger se coloca, para Deleuze e Guattari⁸, assim como D. C. Barker se coloca para Nick Land. E é assim que Hamid Parsani se coloca para Reza Negarestani em *Cyclonopedia*: como um alter ego, um focalizador

⁷ As *ficções filosóficas* de Vilém Flusser pertencem, evidentemente, à grande família de epistemologias especulativas sobre as quais tratamos (FLUSSER, 1998; FELINTO, 2014).

⁸ O livro de Conan Doyle narra uma expedição realizada por Challenger e sua comitiva à floresta amazônica brasileira no início do séc. XX. A possibilidade de observar o modo de vida de espécimes raras, dentre elas, animais pré-históricos – os pterodáctilos, “lagartos estranhos”, os dinossauros –, justificava a empreitada. Não deixa de ser irônico imaginar que o conceito deleuzeano de “plató” tenha se originado aí, numa aventura ficcional onde são descritos os rios e os morros, a natureza exuberante e o terreno acidentado, cheio de altiplanos, de uma ampla região no entorno das cidades de Manaus, Belém e Boa Vista (DOYLE, [1912] 2018).

narrativo, um atravessador epistêmico – uma assinatura, um carimbo hipersticional. É através de Barker, dando voz a ele ou possuído por ele⁹, que Land propõe sua teoria do geotrauma, a qual retomaremos em seguida.

Diante disso, diante desse recurso à composição de um personagem, algumas perguntas se fazem oportunas: uma gota de ficcionalidade e um pingo de imaginação num manancial de racionalidade filosófica e pretensão científica contaminam tudo? Está tudo invalidado? Onde foi parar nosso regime usual de crenças? Espatifou-se? São questões difíceis.

Não é de estranhar que o Departamento de Filosofia da Universidade de Warwick, duas décadas atrás, tenha rejeitado os métodos pouco ortodoxos de Land, o que acarretou o desprezo de sua produção, o descarte de um fragmento dela, a suspensão temporária do CCRU e a queda num limbo institucional sobre o qual ele agora se projeta. Tampouco devemos nos espantar quanto ao *espírito do tempo* e às razões históricas que hoje dão suporte e até demandam “heresias epistemológicas” desse tipo. Acaso uma ciência comprometida com sua contemporaneidade pode se dar ao luxo de permanecer enrijecida, tão maleável quanto uma barra de ferro, sem se deixar tocar pela plasticidade do mundo que tem diante de si? Como proceder?

...

O quadro, efetivamente, não está completo. São inúmeras as angulações e os caminhos alternativos nos quais poderíamos derivar. Seria suficiente, por enquanto, antes de passarmos ao próximo tópico – e até para fazermos uma transição sem sobressaltos e mantermos, em relação a ele, a maior coesão possível –, lembrar que reconstituir a linhagem genealógica¹⁰ de um conceito ainda não é a discussão propriamente conceitual.

Para Land (VVAA, 2015, p. 330), o conceito englobaria quatro dimensões interrelacionadas. São elas:

1. Elementos culturais eficazes que transformam a si próprios em realidade
2. Quantidades ficcionais capazes de funcionar como dispositivos de viagem no tempo
3. Intensificação de coincidências
4. O chamado dos Antigos (“The Old Ones”)

⁹ Cur, Vauung e Can Sah eram outros avatares, “espíritos” ou vozes narrativas que se apossavam de Land em seus escritos (MACKAY, 2019, p. 19).

¹⁰ Noutro momento retomaremos essa linha genealógica. É possível ampliá-la e defender a existência de um conjunto de práticas camufladas no campo de pesquisas da Comunicação. Essa *tradição invisível* se expressaria do seguinte modo: Bergson (com os conceitos de *virtual* e *atual*) → Deleuze / Guattari → Baudrillard (com os conceitos de *simulacro* e *simulação*) → Land [→ Fisher ←] → Negarestani.

Uma hiperstição, conforme a engenhosa fórmula de Land, seria o resultado da interseção dessas dimensões ou vetores retóricos (mnêmicos, míticos, meméticos).

Observado assim, sob a luz de um *check list*, como se estivéssemos conferindo uma lista de pré-requisitos, *Cyclonopedia* responde muito bem: 1. afirma-se como um empreendimento científico, não deixa de se fazer reconhecer e opera, de fato, enquanto tal; 2. proporciona mergulhos imaginários no ambiente da Pérsia antiga e nos instrui a respeito, embarcando-nos numa máquina do tempo, levando-nos para passear nos confins cosmológicos de onde jorra, em abundância, o petróleo; 3. explora e promove uma enorme malha de referências intertextuais, da literatura de horror, do *thriller* policial, do jornalismo sensacionalista – o terrorismo, a perseguição política e as Guerras Santas são ameaças constantes – e do cinema de gênero – *The Exorcist* (William Friedkin, EUA, 1973), *The Thing* (John Carpenter, EUA, 1982) e *In the Mouth of Madness* (John Carpenter, EUA, 1994) são filmes claramente referidos; essa malha intertextual é disposta como uma viva matriz de atrações, pronta para exercer o seu poder e induzir ao seu próprio preenchimento – “intensificar coincidências”; e 4. presentifica os Antigos, os ancestrais, os deuses e os mitos perdidos do deserto e/ou do horror cósmico de H. P. Lovecraft (Cthulhu, The Old Ones¹¹).

...

Mark Fisher (2013), na revista *Dazed and Confused*, deu um depoimento revelador: disse que, quando começou a ler os primeiros escritos de Land sobre teoria cibercultural, tinha a impressão de que aqueles textos haviam sido produzidos *dentro da máquina, fora de nós*. Quer dizer: não pareciam a expressão de uma racionalidade humana, uma interioridade psíquica, uma subjetividade nucleada e auto-constituída. Os textos não mantinham a distância esperada de uma teorização acadêmica. Lidavam com filmes e ficções como se fossem espaços a serem *ocupados*, não como artefatos culturais a serem comentados ou avaliados, segundo padrões de gosto, memórias pessoais ou expectativas de aceitação social.

Land teria invadido um “plano de consistência” no qual a ficção ciberpunk de William Gibson¹² se conectava à filosofia de Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche e Arthur Schopenhauer; onde *Blade Runner* (Ridley Scott, EUA, 1982), *Videodrome* (David Cronenberg, 1983) e *Terminator* (James Cameron, EUA, 1984) se conectavam ao consumo de anfetaminas e ao capital financeiro; onde a criptografia e o pós-estruturalismo, ou uma

¹¹ Lovecraft construiu um panteão de deidades e seres ancestrais vindos do espaço sideral, dos oceanos ou das profundezas da terra. Vale conferir *O Chamado de Cthulhu* (LOVECRAFT, [1928] 2018). Mark Fisher, há pouco, se dedicou ao assunto (FISHER, 2018). No Brasil, alguns pesquisadores (FELINTO, 2015; GARCIA, 2018) já abordaram as conexões entre o mundo de Lovecraft e o mundo das mídias, mostraram ser possível interpretar um *através* do outro.

¹² O ciberespaço, tomado à literatura de W. Gibson, é um óbvio exemplo de hiperstição, é quase ocioso mencioná-lo.

de suas pedras fundamentais, *Mil Platôs* – considerada a “história universal da contingência” (*apud* MACKAY, 2019, p. 14) –, se conectavam ao ritmo frenético dos corpos na cultura *rave*.

Uma teoria, para ele, não era um instrumento conceitual a ser “aplicado”, diz Fisher (2013). Nada disso: era um motor a ser ligado.

...

O sistema capitalista, nos termos do próprio Land, “encarna a dinâmica hipersticcional num nível de intensidade insuperável e sem precedentes, transformando a especulação econômica [mais] mundana numa força histórica efetiva” (*apud* CARSTENS, [2012] 2019, sn.). Objetos hipersticionais, segundo ele, são catalisadores: uma vez baixados (“*downloaded*”) num sistema cultural, desencadeiam processos radicais de subversão e mudança. Não é mera questão de estabelecer distinções entre “verdadeiro” e “falso”, mas de suscitar a transmutação de uma ficção numa verdade efetiva, de consequências pragmáticas imprevisíveis.

Ao exaltar um capitalismo em estado de crise permanente, prossegue o filósofo britânico, as hiperstições aceleram tendências em direção ao caos e à dissolução, invocando forças monstruosas e irracionais (CARSTENS, [2012] 2019) – as forças hidráulicas do desejo.

Gerenciadas à extrema direita do espectro político, no radar do movimento *Neoreact* (NRx), capitaneado por Steve Bannon e Donald Trump, as hiperstições adquirem tons sombrios e niilistas, otimizam (e contabilizam, em termos eleitorais, sobre) a imagem do Apocalipse, a insegurança e o medo epidemiologicamente alastrados, seja na forma de uma cruzada moral ou de uma guerra secular, seja na forma de uma revolução industrial ou de uma reforma econômica (CARSTENS, [2012] 2019). Gerenciadas à esquerda, hiperstições progressistas estimulam, como dizem Armen Avanessian e Hanke Hennig (2020), uma “transmutação paleo-futurística do passado”, contemporizando assim o presente.

A diferença entre ambas reside no modo como produzem ênfases e disjunções na linearidade e na causalidade históricas, obtendo o presente vivido como resultado de uma retroatividade, na qual a promessa de bonança sobrepõe o miserabilismo, ou de uma ação projetiva, na qual o desencantamento é certo e o futuro é nulo.

Talvez essa polarização, examinada com mais calma, não se revele tão bem demarcada. Por exigir elementos não só da ciência política, mas também de uma filosofia da história, é um debate que ficará reservado para os próximos meses, por maior que tenha sido o estímulo que encontramos na disseminação de notícias falsas em nossas redes de

compartilhamento. O que está em causa – e o que é importante, agora, assimilar – é a lógica hipersticional em sua dimensão de viagem no tempo.

No futuro, como desdobramento natural desse trabalho de problematização e acercamento teóricos – aqui, ainda no início –, poderemos ensaiar uma cartografia de variações ou tipos hipersticionais. Numa catalogação bastante intuitiva – formulada a partir da bibliografia que hoje nos dá suporte (principalmente GUNKELL, HAMEED e O’SULLIVAN, 2017; SHAW e REEVES-EVISON, 2018) –, teríamos: 1) hiperstições aceleracionistas *alt-right*, identificadas, sobretudo, com “o velho” Land e o movimento *Neoreact*, do qual ele é hoje um dos mentores; 2) hiperstições aceleracionistas de esquerda, associadas a Mark Fisher, Benjamin Noys (2014) e a Reza Negarestani, mais aos dois primeiros do que ao último; 3) hiperstições como ficções sônicas, na perspectiva diaspórica defendida por Kodwo Eshun, influenciado por Sun Ra e pelo Afrofuturismo, nas quais se busca construir espaços psicoacústicos migrantes, mutantes e ficcionalizados; 4) hiperstições como ciência-mítica (*myth-science*), na abordagem de Simon O’Sullivan, em diálogo com Gilles Deleuze e voltada à museografia, ao mundo das artes plásticas, das instalações e da performance; e 5) hiperstições como tática xenofeminista, como “manifestos exploratórios” (ao invés de “manifestos programáticos”, fechados), tal como faz o coletivo Laboria Cuboniks, em articulação às políticas de identidade de gênero, à biopolítica e à Teoria Queer.

3 Geotrauma

Robin Mackay (2019) se refere ao “inumanismo experimental” de Nick Land. Apresenta-o como alguém marcado por uma identificação anti-humanista perversa com as facetas mais obscuras do capital e da tecnologia. Um misântropo, somos tentados a imaginá-lo. Rótulos como tecno-niilismo e pós-capitalismo *alien*, anarco-aceleracionismo, iluminismo sombrio ou hiper-racismo..., lhe são frequentemente atribuídos. Esses termos todos – a vertigem das etiquetas + as percepções convergentes de Fisher e Mackay – apontam para um desejo que ele compartilharia com Negarestani: o desejo de dar voz ao petróleo, deixá-lo contar sua história, tornar-se um de seus canais, um de seus cúmplices – ouvir o geotrauma.

O crítico literário Bradley J. Fest (2016), atento aos conteúdos abordados e menos (ou não só) aos seus aspectos formais, enxerga *Cyclonopedia* como um romance de não-ficção adequado ao nosso mais incômodo imperativo geracional: a difícil empresa de reimaginarmos nossa finitude, lidarmos com a eminência da extinção da espécie e com aquilo que muitos chamam de Antropoceno.

Segundo Fest, nos dias que seguem, estaríamos vivendo uma alteração do imaginário pós-moderno de nossa aniquilação. Esse imaginário não seria mais construído, narrativamente, na mídia, no entretenimento popular de massa, por um fenômeno repentino – a explosão de uma bomba nuclear ou a trágica colisão contra um meteorito de dimensões planetárias –, mas por um processo paulatino, acelerado e irreversível, implementado, em grande medida, por uma coordenação espontânea de ações humanas.

Desde os anos 1980, pesquisadores de diversas áreas se empenham em compreender o Antropoceno como o período geológico no qual o planeta estaria sendo afetado pela agência humana. A humanidade, subentendidos aí o crescimento populacional, as bolhas demográficas e a ação da cultura, emerge como força significativa, suficiente para alterar a composição da atmosfera (o uso de aerossóis, por exemplo), a acidificação dos oceanos, a integridade da biosfera (associada à perda da biodiversidade), as variações climáticas e o uso dos recursos hídricos (ARTAXO, 2014; PARIKKA, 2015, 2017).

O Antropoceno seria essa camada paleontológica derivada da intervenção e do lixo humanos (a matéria plástica, o detrito eletrônico, as sucatas metálicas; o custo energético da cultura digital, o regime neocolonial de extração de energia em todo o globo). *Cyclonopedia*, no caso, seria um romance capaz de engendrar um novo modo de narrar o extermínio da espécie, o esgotamento natural e a falência geológica do planeta.

Outro destaque dado por Fest (2016) diz respeito ao trabalho narrativo sobre escalas temporais dessa magnitude, o embate com o tempo profundo e com guerras eternas (“*eternal wars*”), atualizadas pela versão corrente dos conflitos no Oriente Médio.

Fest compara *Cyclonopedia* à novela *Ponto Ômega*, de Don DeLillo (2011). Segundo ele, ambas lidam com um imaginário pré-apocalíptico e uma temporalidade de larguíssimo alcance. Ambas estariam reconstruindo o imaginário de nosso desaparecimento, colocando em jogo uma alteração na moldura pós-moderna dada ao fim da espécie e do planeta.

Num ensaio recente, Ian McEwan (2019) fez um inventário de diversas narrativas apocalípticas, sejam elas seculares ou religiosas. Mostra o quanto é absorvente a fixação que temos com a ideia do tempo histórico como uma narrativa linear já dada, com início e fim que possam ser estipulados com precisão e/ou remarcados, quando conveniente. Mostra o quanto o Apocalipse e sua sempre renovada expectativa são vividos também com êxtase e não apenas com pavor. Difícil, para nós – alega McEwan –, é habitar o tempo como um contínuo em aberto, no qual não importa quem está errado, pois não haverá, quando for preciso, ninguém para nos salvar, a não ser nós mesmos.

Para Fest (2016), a questão é uma só: como dar forma literária a materialidades e ontologias não-humanas? O livro de Negarestani aposta nisso, tornando-se uma plataforma de exploração da exterioridade e da contingência do petróleo. Desdobram-se daí, como implicações diretas, questões sobre aquecimento global e Guerra ao Terror. O petróleo não é tão-somente o tema da narrativa. É a essência movente, o agente da narrativa. É sua força telúrica.

A narrativa literária, isto posto, não seria mais o veículo para apresentar e resolver uma crise colocada em termos sociológicos, na proporção pedestre em que usualmente nos movemos. Não se trata mais de narrar. Trata-se de viabilizar uma experiência literária apta a reproduzir e revolver essa cosmogonia, dar visão (e vazão) a uma nova ontologia, à pulsação e à pregnância da(s) matéria(s) orgânica(s). Talhado por esses propósitos, *Cyclonopedia* é um romance cujo ponto de vista é “blobjetivo”.

“Blobjetivo”, nos fala Fest (2016), é um termo técnico criado no interior das discussões sobre novo realismo e realismo especulativo, os dois movimentos que provocaram a guinada ontológica no debate filosófico contemporâneo¹³. Uma perspectiva blobjetiva é aquela que defende o primado da realidade objetiva – entendida como campo de objetos reais – sobre qualquer tipo de subjetivismo, perspectivismo ou construtivismo epistêmico. Além disso, como tese secundária, afirma a preponderância simultânea de uma classe ou de um tipo específico de objeto sobre os demais.

O blobjetivismo é uma forma de *monismo*, que acredita na existência do mundo enquanto conjunto de variações ou desdobramentos processados a partir de um único elemento ou substância fundamental. Por exemplo: a água do mar, a luz do sol, uma partícula atômica. Ou – assim é *Cyclonopedia* – o petróleo.

Definido como um *lubrificante telúrico*, o petróleo opera como um *organizador narrativo*, deixa que se instale, em torno de si, ao longo de milhares de anos, um verdadeiro culto, uma “petro-maçonaria com tentáculos trans-históricos”, submetendo-se a processos de “convergência cibergótica”, passando de demônio lubrificante a lubrificante tecnoeconômico.

O Islã não vê o petróleo simplesmente como um combustível para o motor – como faz o capitalismo –, mas, sobretudo, como uma corrente lubrificante ou um fluxo telúrico sobre o qual tudo está mobilizado no

¹³ Uma ressalva: embora sejam equiparáveis – e tenham sido cotejados, em parte, pelo jovem filósofo alemão Markus Gabriel (2016a, 2016b) –, o novo realismo e o realismo especulativo não podem ser confundidos. O novo realismo é uma filosofia *pós-pós-moderna* cuja convicção é a de que os pensamentos sobre os fatos existem com os mesmos direitos com que existem os próprios fatos sobre os quais refletimos. Tudo é questão de particularizar adequações entre *campos de objetos* e *campos de sentido*. A existência, em outras palavras, é o modo como um determinado objeto, seja ele físico, sensível ou imaginário, se manifesta num determinado campo de sentido. Ampliar, todavia, esse debate está fora de cogitação, pois excede os objetivos anunciados e perseguidos desde o início.

sentido de [perpetuar] uma submissão ao deserto, onde nenhum ídolo pode ser erigido e todas as elevações devem ser arrasadas (NEGARESTANI, 2008, p. 20).

Entre nós, são ainda raros e pouco desenvolvidos os estudos comunicacionais voltados às intercorrências petropolíticas da vida brasileira. Um desses trabalhos (TELLES, 2016), entretanto, faz considerações preciosas. Demonstra que: 1) existe algo de *(al)químico* a ser reivindicado em relação às mídias sociais, 2) as imbricações entre geofísica, geologia e geopolítica precisariam se afirmar em meio aos arrazoados pleonásticos sobre midiaticização e processos midiáticos, 3) é insuficiente (no extremo, é obscuro) refletir sobre a forma concreta das mídias sem considerar as matérias-primas de que são feitas, 4) a magia da tecnologia digital consiste em parecer imaterial, embora baseada numa materialidade móvel e dispersa, que engloba geopoliticamente o mundo inteiro, 5) uma ontologia das mídias necessita entrelaçar-se a uma ontologia das energias entrópicas, 6) a Terra é um arquivo e 7) é através das mídias que podemos agarrá-la enquanto objeto afetivo e cognitivo.

Mais apropriado, tendo em mente o andamento de nossa problematização, é o reconhecimento de que os “países periféricos ricos em recursos naturais estão cientes de que a ‘maldição do petróleo’ não é gratuita e se refere à exploração internacional subsequente à descoberta de grandes jazidas do óleo [cru] em seu território” (TELLES, 2016, p. 11).

É o que nos joga outra vez no vórtice de *Cyclonopedia*.

4 Conclusão

Para concluir, mais do que repetir ou sintetizar aquilo que apresentamos até aqui – o quanto aprofundamentos exegéticos sobre as “novas ontologias” (a tradição recente dos novos realismos especulativos), discussões esclarecedoras sobre o Antropoceno e enfrentamentos ou mesmo a produção de objetos hipersticionais podem ser estimulantes no cenário futuro de pesquisas em Comunicação, seguindo-se, no caso, a via Negarestani¹⁴ –, gostaríamos de referir um pouco mais ao conjunto de textos reunidos no volume *Leper Creativity. Cyclonopedia Symposium*, publicado em 2012.

Organizado por Edward Keller, Nicola Masciandaro e Eugene Thacker como registro de um evento ocorrido em março do ano anterior, na The New School of New York, o livro atesta não só a importância adquirida por *Cyclonopedia* na última década, no

¹⁴ Estudos de arqueologia e/ou de geologia das mídias se beneficiariam de experimentos como esse (ZIELINSKI, 2006; PARIKKA, 2012, 2015, 2017).

que toca a debates transversais a várias disciplinas (a Epistemologia, a Mídia, a Filosofia, a Literatura e a Geopolítica), mas também o quanto se converteu numa *obra de culto*, dando insumos a uma curiosa variedade de explorações e intervenções artísticas derivadas – das artes plásticas às produções audiovisuais.

Dentre essas produções, destaca-se o ensaio de curta-metragem *A Brief History of Geotrauma, or: the invention of Negarestani*, dirigido por Robin Mackay¹⁵. O filme ilustra um dos núcleos da filosofia de Negarestani (para além, até, de *Cyclonopedia* em particular): os esforços de construção de uma *geotraumática*, uma ecologia de ecologias, “uma criptociência materialista”, que pudesse dar conta da macro-história do Planeta em consonância cosmológica com as micro-histórias sociais e individuais.

A geotraumática, projeto tomado de empréstimo a Daniel C. Barker – deflagrado por Land, seu hospedeiro –, seria o esboço de um sistema especulativo ficcional. Reuniria

elementos tão diversos como a geologia e a evolução microbiana com a biologia humana (...), ao mesmo tempo em que (...) [reinterpretaria] a história da Terra como uma série de traumas enquistados dos quais a subjetividade humana (...) [seria] o sintoma. (...) [Buscaria] um híbrido entre a genealogia nietzscheana, a estratoanálise de Deleuze e Guattari e a teoria da informação como maneira de decifrar a dor cósmica: criar uma geocriptografia esquizoanalítica para substituir a psicanálise edípica (MACKAY, 2019, p. 20).

Nos limites dessa nova disciplina – amparada no capítulo “Geo-filosofia”, do livro *O que é a Filosofia?*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992) –, o conceito psíquico de *trauma*, burilado pela psicanálise freudiana, seria rebatido ou aplainado (“*flattened*”) na geofísica, dando acesso ao material inconsciente do planeta Terra como um todo. O registro assim obtido seria um registro *geo-arqueo-psíquico*, diz Mackay (in KELLER *et al*, 2012, p. 25), o tratamento esquizoanalítico do *geotrauma*.

Outro ponto destacável nesse conjunto de textos diz respeito à surrada questão da autoria, que remete às conhecidas discussões de Michel Foucault e Roland Barthes, considerando-se aí, dentre outros constrangimentos, a influência direta, talvez excessiva, de Nick Land sobre o trabalho de Negarestani. O título do ensaio audiovisual de Mackay é suficientemente ambíguo – nele, Negarestani é inventor ou invenção? – e termina por legitimar tal base de suspeitas. No prefácio à edição espanhola de *Fanged Noumena* (LAND, 2019), o mesmo Mackay se refere àqueles “que tem sondado Land à distância, entre eles o escritor Reza Negarestani, que o rastreou na web e deu início a uma larga

¹⁵

Cf.

http://readthis.wtf/media/the-invention-of-negarestani/?fbclid=IwAR0R_xn0pEssGDw5NyxY8QozugJIVYbo86zKG9I6ATX9QHx1RfXdDqd0I

conversação online que o conduziu à escritura da extraordinária *Cyclonopedia*” (MACKAY, 2019, p. 18).

Melanie Doherty, impressionada com o teor e o fôlego da obra, chegou a pensar que Negarestani fosse um *ghost writer*, um pseudônimo de Land ou, até mesmo – para nossa perplexidade! –, que Negarestani fosse, de fato, um *open name*, uma espécie de franquia, um “nome de código aberto”, tal como Luther Blissett, Wu Ming ou tantos outros coletivos de terrorismo poético e guerrilha psíquica especialmente ativos durante a década de 1990¹⁶.

Independentemente do grau de confiança que sejamos capazes de nutrir, *Cyclonopedia* chama a atenção para a necessidade de testarmos epistemologias onde *transcendência* e *empíria* possam se (re)combinar, *ficção* e *realidade* não sejam vistas como instâncias antagônicas ou mutuamente excludentes e o *trauma* possa ser pensado em chaves menos egóicas e individualizantes. Nessa *epistême* anticonvencional e explosiva, dedicada a cultivar assombros, além de tudo, os mitos seriam menos *antropicamente* orientados, o efeito estético e o conhecimento filosófico poderiam brotar do horror e nossa relação com os objetos anônimos do mundo (ou com as mídias, em se tratando do campo da Comunicação) iria se estruturar nas dimensões da imanência, da contingência e da cumplicidade.

Referências

- ARTAXO, P. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno? **Revista USP**, São Paulo – SP, n. 103, p. 13-24, 2014.
- AVANESSIAN, A.; HENNIG, A. Who is afraid of (left) hyperstition? Manuscript. Disponível em : https://www.academia.edu/23874475/Whos_Afraid_of_Left_Hyperstitions. Consultado em 30/01/2020.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio D’Água, 1991.
- BRATTON, B. Root the earth: on peak oil apophenia. In: KELLER, E.; MASCIANDARO, N.; THACKER, E. (orgs.). **Leper Creativity**. *Cyclonopedia* Symposium. New York: Punctum Books, 2012, p. 45-57.
- CARSTENS, D. Hyperstition. 2012. Disponível em: http://xenopraxis.net/readings/carstens_hyperstition. Acessado em 23/12/2019.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs I**. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- _____. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DOHERTY, M. Non-oedipal networks and the inorganic unconscious. In: KELLER, E.; MASCIANDARO, N.; THACKER, E. (orgs.). **Leper Creativity**. *Cyclonopedia* Symposium. New York: Punctum Books, 2012, p. 115-129.

¹⁶ Numa passagem hilária, ela comenta que se pôs a criar anagramas com o nome “Reza Negarestani”. E os encontrou? Sim, encontrou: “A Satan Energizer! Earnest Gaze Iran! An Errata Sneezing” (DOHERTY in KELLER *et al*, 2012, p. 123).

- DOYLE, A. C. **O Mundo Perdido**. Relato das maravilhosas aventuras recentes do professor George E. Challenger, lorde John Roxton, professor Summerlee e do sr. E. D. Malone da *Daily Gazette*. São Paulo: Todavia, 2018.
- FELINTO, E. Zona Cinzenta: imaginação e epistemologia fabulatória em Vilém Flusser. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Imagem e Imaginários Midiáticos do XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014, 16p.
- _____. All Hail the Great Cthulhu: a segunda vida de H. P. Lovecraft, filósofo especulativo e pós-humanista. In: MONTEIRO, M. C.; GUCCI, G.; PINHO, D. (orgs.). **Eros, Tecnologia, Transhumanismo**: figurações culturais contemporâneas. Rio de Janeiro: Caetés, 2015, p. 121-142.
- FEST, B. J. Geologies of finitude: the deep time of twenty-first-century catastrophe in Don DeLillo's *Point Omega* and Reza Negarestani's *Cyclonopedia*. **Critique: Studies in Contemporary Fiction**, 57: 5, 565-578, 2016.
- FISHER, M. **Realismo Capitalista**. No hay alternativa? Buenos Aires: Caja Negra Editorial, 2016.
- _____. **Capitalist Realism**. Is there no alternative? Winchester – UK; Washington – EUA: Zero Books, 2009.
- _____. **Flatline Constructs**. Gothic materialism and cybernetic theory-fiction. New York: Exmilitary, 2018.
- _____. Is Nick Land the most important British philosopher of the last twenty years? Originally published in **Dazed and Confused**, em 2013. Disponível em: <https://markfisherblog.tumblr.com/post/32521254502/is-nick-land-the-most-important-british>. Acessado em: 26/01/2020.
- _____. **Lo Raro y Lo Espeluznante**. Barcelona: Alpha Decay, 2018.
- FLUSSER, V. **Ficções Filosóficas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- GABRIEL, M. **O Sentido da Existência**. Para um novo realismo ontológico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016a.
- _____. **Por Que o Mundo Não Existe**. Petrópolis: Vozes, 2016b.
- GARCIA, Y. Monstros sagrados e ciberculturais: H. P. Lovecraft e sua mitologia na cultura contemporânea. **Galáxia** (São Paulo, *online*), n. 39, set-dez., 2018, p. 203-214.
- GUNKELL, H.; HAMEED, A.; O'SULLIVAN, S. (org.). **Futures & Fictions**. New York: Repeater Books, 2017.
- HARMAN, G. **Hacia el Realismo Especulativo**. Buenos Aires: Caja Negra, 2015.
- _____. **Tool-Being**. Heidegger and the metaphysics of objects. Chicago and La Salle, Illinois: Open Court Publishing Company, 2002.
- _____. **Guerrilla Metaphysics**. Phenomenology and the carpentry of things. Chicago and La Salle, Illinois: Open Court Publishing Company, 2005.
- _____. **Realismo Raro**. Lovecraft y la Filosofía. Barcelona: Holobionte, 2020.
- KELLER, E.; MASCIANDARO, N.; THACKER, E. (orgs.). **Leper Creativity**. *Cyclonopedia* Symposium. New York: Punctum Books, 2012.
- LAND, N. **Fanged Noumena** – Collected writings 1987-2007. London: Urbanomics, 2011.
- _____. **Fanged Noumena** – Vol. 01. Barcelona: Holobionte, 2019.
- LOVECRAFT, H. P. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018.

- MACKAY, R. A brief history of geotrauma. *In: KELLER, E.; MASCIANDARO, N.; THACKER, E. (orgs.). Leper Creativity. Cyclonopedia Symposium.* New York: Punctum Books, 2012, p. 01-38.
- _____. El inhumanismo experimental de Nick Land. *In: LAND, N. Fanged Noumena – Vol. 01.* Barcelona: Holobionte, 2019.
- MARSHALL, K. *Cyclonopedia* as novel. A meditation on complicity as inauthenticity. *In: KELLER, E.; MASCIANDARO, N.; THACKER, E. (orgs.). Leper Creativity. Cyclonopedia Symposium.* New York: Punctum Books, 2012, p. 147-158).
- McEWAN, I. **Blues do Fim dos Tempos.** Ayiné: Belo Horizonte, 2019.
- MEILLASSOUX, Q. **After Finitude.** An essay on the necessity of contingency. London: Continuum Books, 2009.
- MELLAMPHY, N. B. “The Three Stigmata of Kodwo Eshun: On the Human as Hyperstition”. Prepared for The New Centre course on Hyperstition, Fictional Worlds & Possible Futures, August 3, 2015, at the invitation of Ben Woodard, 07p. Disponível em: https://www.academia.edu/14700640/The_Three_Stigmata_of_Kodwo_Eshun_On_the_Human_as_Hyperstition?auto=download. Consultado em 10/12/2019.
- MIÈVILLE, C. Fiction by Reza Negarestani, **World Literature Today** 84: 12, 2010.
- NEGARESTANI, R. **Ciclonopedia.** Complicidad con materiales anónimos. Madrid: Materia Oscura Editorial, 2016.
- _____. **Cyclonopedia.** Complicity with anonymous materials. Melbourne: Re: Press, 2008.
- _____. [Drafting the inhuman: conjectures on capitalism and organic necrocracy.](#) *In: BRYANT, L. R.; SRNICEK, N.; HARMAN, G. (eds.). The Speculative Turn: continental materialism and realism.* Melbourne: Re: Press, 2011.
- NOYS, B. **Malign Velocities.** Accelerationism and capitalism. Winchester – UK; Washington – EUA: Zero Books, 2014.
- O’SULLIVAN, S. Accelerationism, hyperstition and myth-science. **Cyclops Journal – A journal of contemporary theory, theory of religion and experimental theory.** Issue 2, London / Lima, 2017, p. 11-44.
- _____. Deleuze against control: fictioning to myth-science. **Theory, Culture & Society**, Vol. 33 (07-08), 2016, p. 205-220.
- PARIKKA, J. **What is Media Archeology?** Cambridge: Polity Press, 2012.
- _____. **A Geology of Media.** Minneapolis, EUA: University of Minnesota Press, 2015.
- _____. O antrobosceno. Um tempo profundo alternativo. *In: GOBIRA, P.; MUCELLI, T. (orgs.). Configurações do Pós-Digital.* Arte e cultura tecnológicas. Belo Horizonte: Ed.UEMG, 2017, p. 156-178.
- REYNOLDS, S. Renegade Academia: The Cybernetic Culture Research Unit. Director’s cut of unpublished feature for **Lingua Franca**, 1999; short remix appeared in **Springer**, 2000. Disponível em: <http://energyflashbysimonreynolds.blogspot.com/2009/11/reegade-academia-cybernetic-culture.html>. Acesso em 29/12/2019.
- SANTAELLA, L. **A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.
- SCISCIONE, A. Symptomatic horror: Lovecraft’s “The color out of space”. *In: KELLER, E.; MASCIANDARO, N.; THACKER, E. (orgs.). Leper Creativity. Cyclonopedia Symposium.* New York: Punctum Books, 2012, p. 131-146).

-
- SHAW, J. K.; REEVES-EVISON, T. (orgs.). **Fiction as Method**. London: Sternberg Press, 2018.
- SILVEIRA, F. **Mecanosfera / Monoambiente**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2020.
- TELLES, M. Das materialidades às matérias-primas da Comunicação: notas para uma perspectiva teórico-geológica. Trabalho apresentado no GT Epistemologias da Comunicação, durante o XXV Encontro Anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação –, realizado na Universidade Federal de Goiás, 07 a 10 de junho de 2016, 24p.
- VVAA. **CCRU – Writings 1997-2003**. Londres: Time Spiral Press, 2015.
- VIEILLARD-BARON, J-L. **Comprender Bergson**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- WARK, M. An inhuman fiction of forces. In: KELLER, E.; MASCIANDARO, N.; THACKER, E. (orgs.). **Leper Creativity**. *Cyclonopedia* Symposium. New York: Punctum Books, 2012, p. 39-43.
- WILSON, P. L. Partly genius, partly quite mad. Review of *Cyclonopedia. Complicity of anonymous materials*. **Fifth Estate** 44: 49, 2009.
- ZIELINSKI, S. **Arqueologia da Mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. Trad. Carlos D. Szlak. São Paulo: Annablume, 2006.